

CE 572 Macroeconomia III
1º Semestre 2020

Aula de Revisão
10 07 2020

Diferenças no crescimento entre países

Ao longo do semestre diversos autores registraram que alguns países apresentam crescimento mais rápido que outros e também que a renda per capita é mais elevada em alguns países do que em outros. Na bibliografia da disciplina há referências a países “ricos” e “pobres”, a economias “desenvolvidas” e “em desenvolvimento” e a economias “maduras” e “emergentes”.

Explicar as diferenças entre países ou entre grupos de países, tanto no nível da renda como na taxa de crescimento, é uma das questões centrais da macroeconomia. As respostas que a teoria possa oferecer são um elemento importante para a desenho da política económica.

A apresentação resume as respostas das macroeconomias neoclássica e keynesiana/kaleckiana e depois as compara com a visão do estruturalismo latino-americano.

Macroeconomia neoclássica

- Questões básicas:
 - Porque há diferenças entre as taxas de crescimento em equilíbrio?
 - Porque há países “ricos” e “pobres”?
 - Porque alguns países experimentam fases de crescimento acelerado (“milagres”)?
- As respostas, a partir de **Solow**, seriam:
 - As taxas de crescimento em equilíbrio dependem da intensidade do progresso técnico. Países com progresso técnico mais rápido experimentam maior aumento da produtividade e crescem mais rápido.
 - No longo prazo, os níveis de renda per capita dependem da taxa de investimento e da taxa de crescimento da população. Países com maior taxa de investimento e menor taxa de crescimento da população são mais “ricos”.
 - Crescimento acelerado ocorre quando um país ainda não atingiu o nível de capital por trabalhador de equilíbrio e o aumento da taxa de investimento tem reflexo sobre o ritmo de crescimento, além de aumentar o nível da renda per capita.

- Blanchard (12.3) e Jones (cap. 2) argumentam, com base no Solow, que países “ricos” (alta renda per capita) apresentam taxas de investimento mais altas, taxas de crescimento da população mais baixas e progresso tecnológico intenso **(Roteiros 1 a 4)**.
- Países podem experimentar “milagres”, como a Alemanha ou o Japão, que retornaram de forma acelerada para o nível de equilíbrio prévio à Segunda Guerra. Nesse caso, a relação capital/trabalho pode aumentar rapidamente com o aumento da taxa de investimento. O crescimento acelerado ultrapassa, temporariamente, o ritmo de equilíbrio. A economia experimenta uma “transição” para o equilíbrio de longo prazo. Uma vez atingido, o ritmo de crescimento diminui. A economia que antes apresentava crescimento acelerado torna-se uma economia “madura”, cujo ritmo de crescimento é determinado pelo progresso técnico.
- Economias em crescimento acelerado “convergem” **(catch up)** progressivamente para o nível de renda per capita das economias maduras porque crescem mais rápido durante a transição. Se o ritmo do progresso técnico for uniforme em todos os países, após a convergência todas as economias crescem na mesma velocidade.

- Os modelos de **crescimento endógeno (Roteiro 5)** introduzem um fator novo na explicação. Na medida em que o crescimento é realimentado endogenamente pelas externalidades associadas ao próprio crescimento, as diferenças no ritmo de crescimento podem ser cumulativas. Em outras palavras, o país que cresceu mais rápido continuará crescendo mais rápido que os outros.
- Nesses modelos, o aumento da taxa de investimento em **capital físico** (Romer) ou em **capital humano** (Lucas) tem impacto na taxa de crescimento, não apenas no nível da renda per capita. O efeito é permanente, não temporário, como era no Solow. Não há convergência nem no nível da renda per capita, nem na velocidade de crescimento.
- Os modelos da **nova teoria do crescimento (Roteiros 6 a 8)** tentam compatibilizar as contribuições do crescimento endógeno com o Solow. Introduzem a acumulação de capital humano, vinculado ao progresso técnico, na explicação das diferenças de nível de renda entre países.

- Alguns países são mais ricos do que outros porque investem mais, tem menor crescimento da população e/ou ritmo mais intenso de progresso técnico, e também porque investem mais em capital humano (contam com trabalhadores mais qualificados).
- As taxas de crescimento continuam dependendo, como no Solow, do progresso técnico. Há espaço para processos temporários de crescimento acelerado, para países que partem de níveis de renda baixos e convergem para a taxa de equilíbrio, até atingirem as economias “ricas”. O aumento da taxa de investimento em capital humano (gasto em educação) pode tornar viável a transição e a convergência.
- Jones (**Roteiro 7**) mostra que as taxas de crescimento em equilíbrio dependem da velocidade de produção de novas ideias, condicionadas, por sua vez, pelo aumento do número de pesquisadores (crescimento da população), pelo estoque de ideias já acumulado e por externalidades nas atividades de P&D.

- Há uma diferença fundamental entre países produtores de conhecimento (inovadores) e países que adotam ideias produzidas por outros (imitadores). A taxa de crescimento do primeiro grupo depende do ritmo do progresso técnico (produção de conhecimento). Já a taxa de crescimento do segundo grupo depende do ritmo de capacitação (acumulação de capital humano) para utilizar as tecnologias desenvolvidas pelo primeiro grupo. **(Roteiro 8).**
- Se houver livre circulação de conhecimento entre os grupos, as duas taxas de crescimento poderiam em tese ser iguais, desde que a acumulação de capital humano no segundo grupo acompanhe o ritmo de produção de novas ideias no primeiro. Na prática os países do segundo grupo enfrentam dificuldades cada vez maiores quanto mais se aproximam do nível de renda do primeiro grupo.
- As diferenças de nível de renda per capita dependem, da taxa de investimento em capital físico e humano e do crescimento da população. Variações nessas taxas tem efeitos temporários, não permanentes no ritmo de crescimento.

Macroeconomia Keynesiana/Kaleckiana

- No modelo keynesiano básico (Harrod) as diferenças nas taxas de crescimento e no nível de renda per capita resultam da maior ou menor intensidade do efeito multiplicador/acelerador. Países com taxa de investimento mais elevada e com relação capital/produto mais baixa (produto por unidade de capital mais alta) atingem níveis de renda mais alto e crescem mais rápido **(Roteiros 9 e 10)**.
- Para Kalecki, o ritmo de crescimento é determinado pela velocidade de expansão do gasto autónomo associado ao progresso técnico. A maneira em que a economia está organizada (estrutura da economia) define o tipo de oscilações que haverá ao longo da trajetória de crescimento **(Roteiros 12 e 13)**.
- Instituições, formas de comportamento dos produtores e dos consumidores, estruturas de mercado, poder de barganha dos sindicatos, tecnologia e composição setorial da produção condicionam o potencial de expansão da demanda e da oferta.

- Kaldor (**Roteiro 16**) argumenta que as economias com maior participação da indústria no PIB crescem mais rápido e atingem níveis de renda mais altos.
- Thirwall (**Roteiro 14**) argumenta que economias com elasticidade-renda das exportações maior que a elasticidade-renda de suas importações crescem mais do que as outras e atingem níveis de renda per capita mais altos.
- Lavoie e Stockhammer (**Roteiro 15**) argumentam que economias nas quais os produtores tem maior sensibilidade ao aumento da demanda do que à queda da margem de lucro (e do mark up) podem crescer mais rápido se houver um aumento do salário real, ou seja se houver uma redistribuição de renda em favor dos assalariados. Se os produtores são mais sensíveis à queda da margem de lucro, ocorrerá o contrário.
- Em síntese, características estruturais das economias explicam porque algumas crescem mais ou menos do que outras e atingem níveis mais altos de renda, independentemente do nível e do ritmo de expansão do gasto autónomo.
- Diferentes níveis e velocidades de crescimento do gasto autónomo explicariam diferentes níveis de renda e taxas de crescimento de economias estruturalmente idênticas (**Roteiro 11, sobre Supermultiplicador**).

Comentários:

- A teoria neoclássica privilegia os determinantes do crescimento associados às características da oferta e identifica no progresso técnico o motor do crescimento.
- Na sua versão mais atual (“Nova teoria do crescimento”) enfatiza as diferenças entre países geradores de conhecimento e países que absorvem conhecimento gerado no exterior e incorporado em produtos e serviços.
- Pode haver convergência no interior dos dois grupos, mas a convergência do segundo grupo para o nível de renda dos primeiros torna-se cada vez mais difícil quanto mais se aproximam da fronteira do progresso técnico.
- Para a teoria keynesiana/kaleckiana o motor do crescimento é a expansão da demanda que induz a expansão da oferta. O crescimento da demanda pode ser autônomo ou induzido endogenamente pela própria expansão da renda.

- Ambas as teorias têm pontos em comum com a visão dos economistas estruturalistas latino-americanos. O documento da CEPAL de 1949 distinguia as economias industrializadas e ricas, geradoras do progresso técnico incorporado nos equipamentos e produtos manufaturados que exportavam, das economias “pobres”, produtoras e exportadoras de bens primários e importadoras de manufaturados.
- A industrialização era o caminho sugerido para acelerar o crescimento e atingir níveis de renda per capita mais elevados. A industrialização substituiria importações, criando empregos urbanos mais produtivos, redistribuindo renda e criando/ampliando o mercado interno para a produção industrial local. Haveria aumento da taxa de investimento e da relação produto/capital.
- Os obstáculos eram considerados importantes: acesso a tecnologia, financiamento do investimento, aumento da produção de alimentos para suprir a população das cidades, ampliação da infra-estrutura urbana, de transportes, de geração de energia.

- Tratava-se de um processo de transformação estrutural da economia, envolvendo tanto a estrutura de oferta como a da demanda. O processo devia ser planejado para evitar desajustes entre oferta e demanda que bloqueassem o avanço.
- Diferentemente dos casos da Alemanha e do Japão cujo crescimento acelerado era associado à reconstrução de suas economias após a Guerra, no caso da América Latina, tratava-se de construir atividades inexistentes até o momento, de constituir novos atores sociais e de construir novas instituições.
- Na América Latina poucos países, entre os quais o Brasil, conseguiram levar adiante o processo, mas países asiáticos (Coreia, Taiwan, China) foram melhor sucedidos e atingiram níveis de renda elevados, depois de períodos longos de crescimento acelerado.

- Um aspecto da visão estruturalista não é considerado explicitamente nem teoria neoclássica nem na teoria keynesiana/kaleckiana: o processo de transformação ocorre num contexto de concorrência internacional e de tensões sociais e políticas internas.
- No plano internacional, os produtores locais concorrem com produtores já estabelecidos em estruturas de mercado consolidadas e que contam com o suporte de seus governos (e eventualmente de instituições internacionais). No plano interno, os grupos sociais que surgem no processo de transformação disputam a apropriação da renda e o poder político com os grupos dominantes na estrutura anterior.
- O processo de “convergência” na expressão da teoria neoclássica não é apenas a adoção de progresso técnico nem o aprimoramento de instituições. O aumento da taxa de investimento (autônomo e induzido, em capital físico e humano) é uma construção política e social complexa. Como foi dito no início do semestre o crescimento econômico é apenas uma das dimensões do processo de transformação que é o desenvolvimento.